

1.

Pretendo escrever a partir de agora o mais honestamente possível, sem reservas, e em toda sua verdade, fatos sobre nossa relação conjugal, aparentemente rara no mundo. Este relato constituirá o registro precioso de acontecimentos para mim inesquecíveis e, sem dúvida, servirá também de referência para os leitores. Isso porque com o decorrer do tempo relações conjugais singulares, semelhantes à nossa, deverão começar a despontar por toda parte, sobretudo numa época em que a presença do Japão se torna cada vez mais conhecida no cenário internacional, intensificam-se os contatos entre japoneses e estrangeiros, diversas doutrinas e ideologias são introduzidas, e não apenas os homens, como também as mulheres, naturalmente, elevam sensivelmente seu nível de sofisticação.

Pensando bem, desde o início formávamos um estranho casal. Há aproximadamente oito anos conheci a mulher que é até hoje minha esposa. Não me recordo com exatidão nem o dia nem o mês, mas de qualquer forma na época ela trabalhava como garçomete num estabelecimento denominado Café Diamante, nas proximidades do Kaminarimon em Asakusa. Acabara de completar quinze anos. Começara a trabalhar como ajudante no café pouco antes de eu a conhecer. Não era, portanto, garçomete experiente, mas verdadeira novata, uma aprendiz. A bem dizer, na época não passava de um protótipo de garçomete.

Custo a atinar a motivação que me levara, aos vinte e oito anos então, a me interessar por uma moça como ela. Teria sido minha predileção inicial por seu nome? Todos a chamavam "Nao-chan", e certa vez, ao perguntar-lhe, descobri ser Naomi seu verdadeiro nome. Esse nome, "Naomi", despertou em mim intensa curiosidade. Antes de mais nada, julguei "Naomi" um lindo nome em ideogramas, e imaginei que escrito em letras do alfabeto passaria por um nome ocidental. A partir de então minha curiosidade por ela gradualmente se aguçou. É curioso como, por influência do nome sofisticado, os traços de seu rosto acabaram, de alguma forma, a meus olhos, assemelhando-se aos de uma ocidental: possuía um ar de extrema intelectualidade, a ponto de eu pensar com meus botões: "Que desperdício para ela ser obrigada a trabalhar de garçomete num lugar desses".

Na realidade, os traços nitidamente ocidentais de Naomi (peço-lhes desculpas, mas decido escrever doravante o nome de Naomi no estilo de escrita *katakana*, próprio aos nomes estrangeiros, sob pena de perder a espontaneidade caso não o faça) em certa medida se assemelhavam aos da atriz cinematográfica Mary Pickford. Não se tratava de forma nenhuma de encarar Naomi com favoritismo. Creio ser fato incontestável, pois mesmo hoje que ela é minha esposa ouço muitas pessoas afirmarem a mesma coisa. Não apenas suas feições, mas também as formas de seu corpo desnudo são bastante próprias às das ocidentais. Evidentemente eu só descobriria isso mais tarde, pois na época não a conhecia a esse ponto, apenas imaginando vagamente quão belos deveriam ser seus braços e pernas pela maneira elegante como trajava o quimono.

Compreender o que se passa na mente de uma moça de quinze ou dezesseis anos é tarefa por demais complicada quando não se é parente ou irmã. Por isso eu não seria capaz de responder claramente caso me indagassem sobre o caráter de Naomi à época em que ela trabalhava no café. Provavelmente ela própria afirmaria possuir apenas interesses bem variados. Contudo, para alguém de fora, Naomi passava antes de mais nada a impressão de ser uma criança melancólica e taciturna. Sua pele de coloração doentia denotava profunda melancolia e, levemente pálida, assemelhava-se a várias placas de vidro incolor e transparente sobrepostas. Possivelmente eu a via assim porque, ao contrário das demais garçometes, mal começara a trabalhar no café e ainda não se

empoava com pó-de-arroz e mantinha pouco contato com os clientes e colegas de trabalho, permanecendo escondida num canto onde, calada, trabalhava diligentemente. Talvez por essa razão a julgasse também inteligente.

É preciso explicar aqui sobre minha formação. Na época, trabalhava como engenheiro em certa firma de eletricidade, recebendo salário mensal de cento e cinquenta ienes. Natural de Utsunomiya, na província de Tochigi, formei-me no primeiro grau por escola local, mudando em seguida para Tóquio, onde fui admitido na escola técnica de segundo grau em Kuramae. Comecei a trabalhar como engenheiro logo após me formar por essa escola. Exceto aos domingos, ia diariamente da pensão em Shibaguchi ao escritório da firma em Oimachi.

Morando sozinho na pensão, e recebendo o salário mensal de cento e cinquenta ienes, minha vida era um mar de rosas. Ademais, apesar de primogênito, não tinha obrigação de remeter dinheiro para pais e irmãos no interior. Minha família administrava uma fazenda relativamente grande e, após o falecimento de meu pai, minha mãe idosa estava à frente da gestão dos negócios em meu lugar, ajudada por um fiel casal de tios. Assim, eu levava uma vida totalmente livre. Isso não significa, todavia, que me entregasse a uma existência hedonística. Era, antes de tudo, um assalariado exemplar: frugal, circunspecto, convencional ao extremo, trabalhava diariamente sem queixas ou demonstrações de insatisfação. Na época, eu era certamente assim, a ponto de, no escritório, eu, Joji Kawai, possuir a reputação de "rapaz ajuizado".

Eu poderia contar nos dedos meus passatempos: um cinema à noite, passear por Ginza e, algumas vezes, presentear-me com uma ida ao Teatro Imperial. Jovem, as companhias femininas em nada me desagradavam nos tempos de solteiro. Por ser meio desengonçado, criado no interior e inexperiente no trato com pessoas, não mantinha, portanto, nenhuma relação com o sexo oposto, e talvez tenha sido essa a razão de me alcunharem "rapaz ajuizado". Todavia, era bom moço apenas superficialmente, pois no fundo eu me mantinha sempre alerta, com os sentidos sempre voltados na direção das mulheres, fosse caminhando pela cidade, fosse no trem, todas as manhãs.

Por vezes Naomi surgia diante de meus olhos. Na época, contudo, eu não chegara ao extremo de considerá-la a mais bela mulher sobre a face da Terra. Desnecessário dizer que havia muitas mulheres mais lindas do que ela, com as quais eu costumava cruzar nos trens, nos corredores do Teatro Imperial ou pelas calçadas de Ginza. Tendo apenas quinze anos e imatura, só o tempo poderia afirmar se a aparência de Naomi se aperfeiçoaria. Se por um lado eu ansiava por ver seu crescimento, também me preocupava. Meu plano inicial era simplesmente assumir a responsabilidade por aquela criança e cuidar dela. Meu objetivo era apenas, se ela concordasse com isso, prover-lhe boa educação, podendo eventualmente tomá-la como esposa. Se por um lado esse plano era fruto de minha simpatia por ela, eu ansiava também por alguma mudança na vida terrivelmente monótona e banal que levava. Falando francamente, cansara dos longos anos morando numa pensão e desejava de alguma forma acrescentar novo matiz e calor à minha vida corriqueira. Queria ter minha própria casa, mesmo pequena. Decoraria seus cômodos, plantaria flores, penduraria uma gaiola de pássaro na varanda banhada pelo sol e contrataria uma empregada para os trabalhos de cozinha e limpeza. Se Naomi aceitasse viver comigo, desempenharia o papel da empregada e do pássaro. Em linhas gerais, era esse meu plano.

Se fosse apenas isso, por que eu não procurara uma moça de boa família para com ela construir oficialmente um lar? A bem dizer, faltava-me coragem para me casar. Devo aprofundar um pouco mais a explicação sobre esse ponto. Na realidade, eu sempre fora uma pessoa ajuizada, detestando agir de forma imprudente - nunca conseguiria -, mas, curiosamente, possuía uma opinião sofisticada e bem avançada com relação ao

casamento. Em geral, as pessoas tendem a entender o casamento como algo rígido e cerimonioso. Em primeiro lugar, um intermediário sonda discretamente a intenção das partes. Em seguida, promove-se o encontro formal dos pretendentes. Na ausência de objeção, o intermediário volta a ter uma atuação difícil, presentes são trocados e, finalmente, o enxoval da noiva é levado para a residência do noivo em uma série de carregamentos. Depois disso têm lugar a cerimônia oficial de casamento, a lua-de-mel, a visita de cortesia aos pais da noiva, formalidades por demais estafantes e que particularmente detesto. Idealizava que, se me casasse, desejaria fazê-lo de forma mais simples e informal.

Naquela época, candidatas supostamente não faltariam caso eu pensasse em me casar. Apesar de interiorano, possuía boa constituição física e conduta irrepreensível. Pode soar estranho partir de mim essa afirmação, mas qualquer mulher se alegraria em cuidar de um homem como eu, de beleza média e digno da confiança de sua empresa. Infelizmente, porém, eu detestaria ter alguém "tomando conta" de mim. É impossível apreender o caráter e o temperamento de outrem em apenas um ou dois encontros, mesmo tratando-se da mais linda mulher. Seria insensato escolher alguém para eterna companheira apenas em função de uma impressão temporária: "Talvez seja essa a pessoa certa", ou "Bem, ela não é tão feia assim". O melhor método seria trazer para dentro de casa uma moça como Naomi, acompanhar pacientemente seu crescimento e por fim desposá-la, caso me aprovesse. Isso seria mais do que suficiente, uma vez que não me interessaria casar com a filha de algum magnata ou com moça refinada e de esmerada educação.

Além disso, em vez de constituir família, travar amizade com uma moça e observar dia após dia seu desenvolvimento enquanto se compartilha o mesmo teto parecia, a meu ver, mais prazeroso e feliz, algo semelhante a uma diversão, além de revestir-se de significado especial. Ou seja, seríamos, eu e Naomi, duas crianças brincando de casinha. Viveríamos uma vida simples e despreocupada, sem a complicação e a seriedade envolvidas em se manter uma família. Esse era o meu desejo. Na realidade, no Japão um "lar" exige objetos como cômodas, braseiro e almofadas sempre em seus devidos lugares, as funções do marido, da mulher e das criadas meticulosamente atribuídas, além de gastos extraordinários para amenizar o árduo relacionamento com vizinhos e parentes, complicações de coisas supostamente simples, tudo sufocante, nada agradável nem benéfico à vida de um jovem assalariado. Nesse sentido, acreditei ser meu plano sem dúvida um tipo de impulso.

Dois meses depois de tê-la conhecido, toquei pela primeira vez no assunto com ela. Na época, sempre que encontrava algum tempo livre no decorrer do dia, ia ao Café Diamante, procurando criar oportunidades para nos familiarizarmos. Naomi adorava cinema, e nos dias de folga e nos feriados íamos juntos a um prédio localizado no interior de um parque onde era comum passarem filmes. Na volta, parávamos em algum restaurante ocidental ou especializado em pratos com macarrão de trigo-mouro. Mesmo nessas ocasiões, Naomi falava muito pouco e era difícil definir se estava alegre ou se achava tudo enfadonho, já que na maioria das vezes permanecia taciturna. No entanto, nunca recusava meus convites. - Posso ir, sim -, respondia docilmente, acompanhando-me por toda parte.

Que tipo de pessoa Naomi acreditava que eu era? Qual sua intenção ao relacionar-se comigo? Essas eram as perguntas que eu me fazia, sem obter resposta. Por ser ainda uma criança, Naomi não olhava os homens com desconfiança. Imaginava que saía comigo para se divertir, certamente imbuída da mais pura e cândida intenção, simplesmente por ser eu o "tio" que a levava ao cinema e algumas vezes lhe pagava o jantar. De minha parte, transformava-me no "tio" gentil e cortês a lidar com uma criança

completa. Na época não desejava nada dela além desse tipo de relacionamento, e também não mostrava pelo meu comportamento nenhuma segunda intenção. Ao recordar aqueles dias de sonho e fugacidade, invade-me o desejo de voltarmos a ser aqueles dois seres sem malícia de outrora e viver naquele mundo de faz-de-conta.

- Então? Você está conseguindo ver? - eu costumava perguntar, sempre que ficávamos de pé no fundo da sala de cinema repleta, sem nenhum assento vazio, tentando assistir ao filme.

- Não, não consigo enxergar nada - Naomi respondia, e ficava nas pontas dos pés procurando ver a tela por entre os pescoços dos espectadores.

- Assim fica difícil. Suba na balastrada e segure meu ombro - eu sugeria, ajudando-a a sentar-se no parapeito alto. Ela balançava as pernas, apoiando-se com uma das mãos em meu ombro, e finalmente fitando a tela com atenção e um ar satisfeito.

- Está se divertindo? - eu perguntava.

- Muito - respondia apenas, sem nunca aplaudir nem pular de alegria para expressar seu contentamento. Todavia, eu me dava conta de que Naomi devia adorar cinema quando observava seu rosto ao assistir calada, os olhos vivos bem abertos, como os de um cão sagaz perscrutando um som distante.

- Naomi, você não está com fome? - eu perguntava.

Algumas vezes ela respondia: - Não, não quero comer nada. - Mas, quando a fome apertava, era comum que afirmasse: - Estou sim - sem a menor cerimônia. E, ao ser interrogada, respondia claramente se desejava comida ocidental ou macarrão de trigo-mouro.

---